

## **O processo criativo de Violetas: voz, memória e mimesis em uma escrita de si**

Mayra Montenegro de Souza (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões de uma pesquisa de doutorado em andamento, sob orientação da Profa. Dra. Daiane Jacobs, que trata do processo de criação do espetáculo *Violetas* como uma *escrita de si* (RAGO, 2013). O espetáculo é uma homenagem à minha avó materna, que tinha o sonho de ter sido artista, mas nunca pôde realizá-lo. Sob a direção de Raquel Scotti Hirson (Lume Teatro), foi construído através da metodologia da Mimesis Corpórea e a partir das memórias que me ligavam à minha avó. Sua voz era o elo nas minhas lembranças. De forma autobiográfica, o processo criativo proporcionou um (re)encontro comigo mesma, não como uma busca introspectiva e de caráter confessional para reencontrar o que seria uma “essência” escondida em minha alma, mas para assumir o controle de minha própria vida e tornar-me sujeita de mim mesma pelo trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela escrita de si.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Escrita de Si; Feminismos; Voz; Memória; Mimesis Corpórea.

### **ABSTRACT**

The present work aims to present reflections of a doctoral research in progress, under the guidance of Profa. Dra. Daiane Jacobs, that deals with the creation process of the theater play *Violetas* as a *writing of the self* (RAGO, 2013). The play is a tribute to my maternal grandmother, who dreamed of becoming an artist, but was never able to realize it. Under the direction of Raquel Scotti Hirson (Lume Teatro), it was built using the Corporeal Mimesis methodology and from the memories that linked me to my grandmother. Her voice was the link in my memories. In an autobiographical way, the creative process provided a (re)encounter with myself, not as an introspective and confessional quest to rediscover what would be an “essence” hidden in my soul, but to

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teatro pela UDESC. Atriz, cantora, fundadora da Cia. Violetas de Teatro e Professora de Voz da Licenciatura em Teatro da UFRN. Licenciada em Educação Artística com habilitação em Música pela UFPB em 2008, Mestra em Artes Cênicas pela UFRN em 2012. Pesquisa as áreas de Técnica e Expressão Vocal, bem como os Feminismos, a Memória e a Mimesis Corpórea nos processos de criação.

take control of my own life and make me subject to myself through the work of reinventing subjectivity made possible by the writing of the self.

## KEY WORDS

Self Writing; Feminisms; Voice; Memory; Corporeal Mimesis.

Minha pesquisa de doutorado iniciada no ano passado trata do processo de criação que deu origem ao espetáculo *Violetas*, espetáculo que dá nome à companhia. O propósito desta pesquisa é percorrer esse processo de criação, compreendendo como se dá a *escrita de si* (RAGO, 2013) vivenciada nesse processo, bem como avaliar quais elementos dessa jornada podem contribuir para a criação em artes cênicas, em uma perspectiva feminista.

*Violetas* é uma homenagem à minha avó materna, Dona Wilma. Ela tinha o sonho de ter sido artista, mas nunca pôde realizá-lo. Sua voz foi uma das primeiras e mais importantes vozes de minha vida, junto com a voz de minha mãe, Eleonora. Seus cantos, suas histórias, a declamação de poesias que ouvia diariamente foram a minha formação primeira.

Dona Wilma Pinheiro de Lima estudou na Escola Doméstica de Natal<sup>2</sup>, que era até muito moderna para sua época. Mas no seu diploma, recebido em 1950, estava escrito *dona de casa*. Sei que ela queria ter sido mais. Lembro de um show de Bibi Ferreira que vimos juntas. Ao final, o público ficou de pé para os aplausos, mas ela não. Ela não aplaudiu. Sentada, disse olhando para Bibi: “Sou eu. Como posso me aplaudir?”. Ela faleceu no início do ano de 1995 com apenas sessenta e dois anos de idade. Eu tinha quatorze anos. Desejava tirá-la do silêncio das memórias e apresentá-la ao mundo.

---

<sup>2</sup> A Escola Doméstica foi fundada em 1914 por Henrique Castriciano, nos moldes da educação doméstica que ele havia conhecido na Suíça. A escola atendia apenas mulheres e os saberes transmitidos às alunas eram baseados nos afazeres corriqueiros de uma dona de casa. Dessa forma, a mulher aprendia todas as matérias do currículo escolar colocando-os em prática com atividades como o “gerenciamento prudente do lar e o balanço mensal de seus gastos”. Era considerada inovadora para a época por ser de fundamentação laica, enquanto as demais instituições de ensino eram religiosas, e por preparar a mulher para o Magistério e o ingresso em Escolas de Ensino Superior. É sabido que Castriciano tinha grande admiração por Nísia Floresta, escritora e educadora feminista potiguar, pioneira na busca da emancipação da mulher através da educação. Hoje a escola faz parte do Complexo de Ensino Noilde Ramalho, compreendendo três Instituições de Ensino: Escola Doméstica de Natal, Complexo Educacional Henrique Castriciano e o Centro Universitário do Rio Grande do Norte. <<https://noilderamalho.com.br/historia-2/>>. Acesso em Novembro de 2020.

Trabalhei durante os anos de 2014 a 2016 com Raquel Scotti Hirson (Lume Teatro), que dirigiu e conduziu a construção do espetáculo através da metodologia da Mímesis Corpórea e Mímesis da Palavra, e a partir das memórias que me ligavam à minha avó. Sua voz era o elo nas minhas lembranças. Memória da voz, da voz da avó, memória dA VÓz.

A fonte direta de dados é o diário de bordo do processo criativo, escrito principalmente entre os anos de 2014 e 2016. O diário de bordo da construção do espetáculo *Violetas* foi feito após cada dia de trabalho e suas palavras carregam o suor, as lágrimas, as dores e alegrias dos momentos vividos. O espaço de tempo que se dá desde o último dia do diário de bordo até o início desta pesquisa é importante para um certo distanciamento, promovendo melhor reflexão acerca daquela experiência. Essa leitura crítica e minuciosa do diário de bordo promoverá uma reflexão e reconstrução do processo criativo/(trans)formativo.

As narrações do diário de bordo de *Violetas* dizem respeito a diversos aspectos dessa construção durante dois anos: os treinamentos corpóreo-vocais, os sonhos que tive e que me inspiraram cenas, os laboratórios de criação, as memórias, poemas, dificuldades, entraves, reflexões, relatos de pesquisas de campo, pesquisa histórica, pesquisa bibliográfica, iconográfica e entrevistas. Essas palavras, imagens e construções poéticas demonstram não apenas a criação do espetáculo, mas as reinvenções de subjetividade, a recriação de novas visões sobre mim mesma e sobre as questões investigadas para o espetáculo.

A Mímesis é uma das linhas de estudo dentro do Lume para o desenvolvimento de matrizes físicas e vocais através da observação. Segundo Raquel Hirson, a Mímesis possibilita

A poetização e a teatralização dos encontros afetivos entre alguém que atua e observa e corpos, matérias, imagens, textos. O pressuposto da mimesis corpórea é que esse encontro potencialize a transformação e a recriação do corpo singular de quem atua-observa. Foi criada por Luís Otávio Burnier na década de 80 e vem sendo revista e alargada pelo corpo de pesquisadoras e pesquisadores do Lume (HIRSON, 2020, p. 170).

Ao vivenciá-la, percebi que essa metodologia ampliava a minha percepção em vários sentidos: ampliava o olhar, a escuta, a sensibilidade de forma geral e auxiliava também a descortinar o véu que dá acesso às memórias escondidas. Passei a observar melhor minhas lembranças no corpo, na sala de trabalho.

O espetáculo em si será também analisado, mas aqui interessa-me mais o processo do que o resultado ou produto. Tanto o processo de criação como a escrita desta pesquisa são como uma *escrita de si*, como uma oportunidade de cartografar e reinventar a própria subjetividade (RAGO, 2013). Esse processo criativo é uma experiência miúda, individual, mas avassaladora de forma a me trazer outros modos de pensar, agir e existir. Como o *Violetas* se insere nos contextos feministas, que pautas feministas ele aborda?

O espetáculo apresenta a história de minha avó, uma mulher cis, branca, hétero e de classe média. É esse o lugar de onde falo e não pretendo universalizar essa experiência. Por outro lado, o espetáculo toca em pontos que talvez possam ser pertinentes a diversas *mulheridades*. O que era ser mulher para a minha avó? O que é ser mulher para mim? Como as noções do ser mulher e de feminilidade impostas pelo cultura e sociedade nos afetaram? Como isso foi sendo descoberto durante o processo e como foi retratado no espetáculo?

Essa pesquisa se dá, portanto, dentro de um espaço autobiográfico, “entre memórias, depoimentos, entrevistas, correspondências, diários” (Idem, p. 33). Usarei para tanto o conceito de *escrita de si* formulado por Rago em sua obra *A Aventura de Contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* (2013). A autora desenvolve a ideia de que a escrita de si é tanto uma forma de cuidado de si como uma abertura para o mundo, reconstituindo uma ética do eu. Não é uma confissão como se a pessoa fosse culpada de algo e necessitasse de perdão ou correção diante das normas dominantes, de alguém superior que pudesse lhe salvar. Tampouco é uma busca introspectiva de si para encontrar uma verdade ou uma essência.

Trata-se de tornar-se autora de seu próprio roteiro, revelando segredos, falando a verdade sem dissimulações, enfrentando riscos de romper com padrões estabelecidos. Para Rago, “escrever-se é, portanto, um modo de transformar o vivido em experiência, marcando sua própria temporalidade e afirmando sua diferença na atualidade” (2013, p. 56).

A escrita da própria tese será outra escrita de si, pois há muitas histórias não contadas, que estão nas entrelinhas, no subtexto do espetáculo. Não foram contadas por diversas razões, pela dificuldade em falar das vivências dolorosas e traumáticas, pela falta de espaço/força social que me permitisse falar, pelo medo do julgamento/estigma da sociedade.

Não pretendo reconstituir exatamente todo o processo de Violetas, mas traçar um caminho, talvez sinuoso. Contarei minha experiência, como evidência em si mesma, sem hierarquizar teoria e prática, pensamento e ação. Recapitulando o vivido, ressignificando um passado não apenas pessoal, mas também coletivo.

Em *Mujeres que Narram: trauma y memoria*, Leonor Arfuch (2009) explica que, na elaboração de experiências traumáticas, dizer é terapêutico, narrar faz parte da elaboração do luto. Falar de vivências dolorosas não é fácil, mas diante do silenciamento, voltar a falar é como voltar a viver. Isso se constitui também em uma ação ética, liberando um caminho do individual ao coletivo, “la memoria como passo obligado hacia la Historia” (p. 3)<sup>3</sup>.

Não há, necessariamente, uma hipótese pré-estabelecida, mas a construção de um novo conhecimento. Reconhecendo o caminho percorrido, poderei apontar recursos, princípios e práticas para compartilhar com outras artistas da cena. Tais recursos e práticas já podem ser vislumbrados através do trabalho feito no projeto de pesquisa Voz Feminina, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coordenado pela professora Eleonora e por mim. De maneira semelhante, em oficinas que ministramos desde então em diversas cidades da Paraíba e na Universidade de Música e Artes Cênicas de Viena, Áustria. Esses trabalhos serão mencionados, mas pretendo também ministrar oficinas ao longo do doutorado, a fim de seguir desenvolvendo estratégias de integrar/transformar as experiências vivenciadas por mim na criação de *Violetas* em uma ação formativa.

Ao revisitar tão rico processo nessa pesquisa de doutorado, pretendo descobrir de que forma ele pode contribuir para as artes da cena, sugerindo um caminho ou percurso criativo que envolve voz, memória e mimesis corpórea em uma *escrita de si*. Que princípios e práticas podem contribuir para o desbloqueio e desenvolvimento de memórias e da expressão corpóreo-vocal nas artes da cena? De que forma as questões relacionadas ao gênero feminino são abordadas no espetáculo e como podem colaborar para tais discussões na sociedade? Todas essas respostas e muito mais estão sendo investigadas em muitas leituras, referências, reflexões. Espero apresentar o resultado dessa pesquisa em alguns anos.

---

<sup>3</sup> “A memória como passagem obrigatória para a História” (tradução minha).

## REFERÊNCIAS CITADAS

ARFUCH, Leonor. Mujeres que Narram: trauma y memoria. **Labrys**, Études Féministes/Estudos Feministas. Janvier/Décembre 2009 – Janeiro/Dezembro 2009.

Escola Doméstica de Natal. **Complexo de Ensino Noilde Ramalho EDHC**, 2020. Disponível em: <https://noilderamalho.com.br/historia-2/>. Acesso em 01 de Novembro de 2020.

FERRACINI, Renato, HIRSON, Raquel Scotti, COLLA, Ana Cristina. **Práticas Teatrais**: sobre presenças, treinamentos, dramaturgias e processos. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.